

Dirasat Andalusiyya
Revue d'Études Andalouses

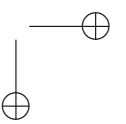
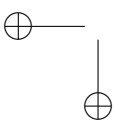
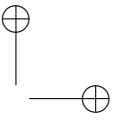
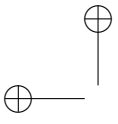
[Averróis, 8^o Centenário]



Recensão:
Adel Sidarus
Universidade de Évora

1999

www.lusosofia.net





LUSOSofia:press

Covilhã, 2009

FICHA TÉCNICA

Título: *Dirasat Andalusiyya / Revue d'Études Andalouses*

Recensão de: Adel Sidarus

Colecção: Recensões LUSOSOFIA

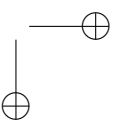
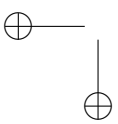
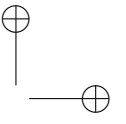
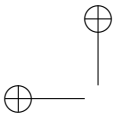
Direcção da Colecção: José M. S. Rosa & Artur Morão

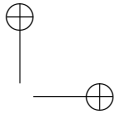
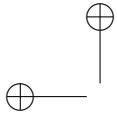
Design da Capa: António Rodrigues Tomé & José Rosa

Composição & Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2009





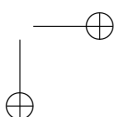
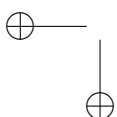
Dirasat Andalusiiya **Revue d'Études Andalouses***

Recensão: Adel Sidarus
Universidade de Évora

Dirasat Andalusiiya / Revue d'Études Andalouses, n° 19 e n° 20 (Ramadan e Safar 1419 AH / Janeiro e Junho 1998 AD), Túnis. [IV-22+IV+98p. e 110+22p.]

Estes dois números especiais desta revista bilingue e bianual pretendem comemorar o 8º Centenário do grande filósofo, jurista e médico cordovês que foi Averróis, ou seja, Abu l-Walid Muhammad Ibn Rusd (520-595 / 1126-1198). Abrem com um prefácio de Gum^ca Sayha (aliás "Djomâa Cheikha"), o fundador e director da revista, professor de civilização andaluza na Universidade de Túnis I e antigo director da Biblioteca Nacional da Tunísia. É um corajoso texto bilingue, árabe e castelhano, com o subtítulo "*Ha-wla harq al-kutub aw Ibn Rusd wal-jarima al-kubra / La quema de libros o Averroes y el crimen de lesa Humanidad*", que denuncia todas as pressões políticas e religiosas que possam limitar a liberdade de pensamento e de expressão de todo o intelectual, numa perspectiva universalista que apraz realçar. Segundo o autor, odi-

* Originalmente publicado in *Qurtuba*, 4 (1999), 273-75



os situações deste tipo são apenas o reflexo da decadência que pode atingir qualquer poder ou sociedade, e nunca uma exigência de fidelidade a qualquer moral religiosa ou humanista. Curiosamente, a versão em língua europeia é em castelhano, enquanto o bilinguismo da revista, incluindo estes dois números, diz respeito, em geral, ao árabe e ao francês. A mesma coisa se repete com o prefácio ao 2º volume, no qual al-Husayn al-Ya^cqubi (aliás "Houcine Yacoubi") celebra o 10º aniversário da revista, lembrando a perspectiva-trajectória de colaboração científica e de encontro religioso e cultural entre ambas as margens do Mediterrâneo, que norteou desde o início o louvável empreendimento "jum^canino".

O número de páginas consagrado a cada uma das línguas costuma variar de volume a volume. Nestas duas publicações dedicadas a Aurróis, o cômputo total de páginas é sensivelmente igual para cada língua, equilibrando-se a relação 2/10 do primeiro com a saída do segundo volume. Aqui a parte em língua europeia apenas continua a última contribuição do volume anterior, a "Bibliographie des études rochdiennes contemporaines" (p. 87ss.), da autoria de Assâad Jomâa (aliás As^cad Gum^ca, Cairuão). Trata-se obviamente de obras nas diferentes línguas europeias (francês, inglês, espanhol, alemão e italiano), reservando as págs. 59-98 da parte árabe do nº 20 à produção de língua árabe. Excepcionalmente, registam-se nesta secção (p. 60-62) os inventários bibliográficos publicados em qualquer idioma.

O mesmo autor fornece, no 1º volume, uma ampla discussão sobre as principais interpretações modernas do pensamento averroísta. O estudo intitulado "Esquisse d'une réponse aux derniers surgeons de l'averroïsme dans les études rochdiennes contemporaines" (p. 1-71), é extraído duma pesquisa a publicar num futuro próximo, pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Cairuão, sobre o problema político-religioso em Aurróis, sob o prisma da interpretação dos textos religiosos. Nas páginas desta revista, Jomâa apresenta e discute, em três capítulos, as teses de

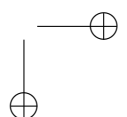
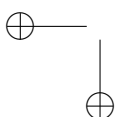


Renan e de Gauthier – e seus respectivos seguidores, sejam eles europeus ou árabes – sobre a obra do filósofo cordovês. Nesta erudita contribuição (276 notas, p. 61-71), perfila-se a ideia de que ambas as correntes partem do pressuposto europeu que identifica a filosofia com o racional e a religião com o anti-racional. Noutros termos, elas encontrar-se-iam encerradas na antinomia filosofia *vs.* religião, que teria caracterizado a cultura europeia ao contrário da cultura árabo-islâmica.

De seguida (p. 72-86), Abdelmajid El Ghannouchi escreve sobre "L'essor de l'esprit laïque dans la pensée islamique andalouse au XIIe siècle (Ibn Tufayl – Ibn Rushd)". Uma das perspectivas latentes na exposição histórica do professor tunisino, é o confucionismo do pensamento islâmico oriental, denunciado precisamente por Jomâa, que levou ao sincretismo teológico-filosófico de que se emanciparam os pensadores do Andaluz de meados do século XII. Com eles, teria sido resolutamente vincada a distinção entre religião e filosofia e a consequente separação entre o espiritual e o temporal. Conclui o autor a sua análise nestes termos:

"Ainsi, pourrions-nous dire que la pensée islamique, bien que partie du confusionisme qui trouvait sa configuration la plus éloquente dans le syncrétisme des falacifa et des matakallimun d'Orient, depuis le IXe siècle jusqu'au XIe siècle, aboutit à l'idée prométhéenne concernant la distinction de la religion et de la philosophie en Occident musulman au XIIe siècle, avec Ibn Tufayl et Ibn Rushd. Elle se prolongea, à coup sûr, en Occident latin, par la formulation de la théorie de la double vérité, puis par la revendication révolutionnaire de la séparation du temporel et du spirituel, que devaient exprimer explicitement Marsile de Padoue et Jean de Jandun, au XIVe siècle."

Um resumo destas ideias apresenta o mesmo autor na parte árabe, sob o título "*Al-Tamyiz bayna l-hitab al-falsafi wal-hitab al-sar*c*i, wa-itbat al-sila bayna-huma, ^cinda Abi l-Walid Ibn Rusd: Fasl al-maqal aw izdiwaj al-haqiqa wa-maratibi-ha*" (p. 1-8). Já

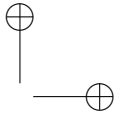


no nº 21 (Ramadan 1419 /Janeiro 1999), o mesmo autor inclui uma nota adicional sobre o alcance do título da célebre obra averroísta *Fasl al-maqal*, tal como transmitido em dois códices espanhóis (El Escorial e Madrid). Nestes manuscritos, o título ficaria deverás mais completo e correcto em termos gramaticais e filosóficos: *F.M.wa-taqrir fi-ma bayna al-sari^ca wal-hikma min ittisal*. Na sua opinião isto obrigaria a uma correcção substancial de alguns dos resultados alcançados por Léon Ghautier (p. 59-60 ár. e p. 32 fr.).

No resto da parte árabe (p. 9-22), a secção bibliográfica, intitulada *Al-Maktaba al-andalusiyya*, oferece a resenha de cinco obras, a começar pela publicação bilingue, latim e árabe (não do texto original, hoje perdido), do grande comentário de Ibn Rusd sobre o *De anima* de Aristóteles, da autoria de Ibrahim al-Garbi (2 vols., Túnis: Signes, 1997).

As páginas em língua árabe do 2º volume oferecem, depois do prefácio ou nota de abertura (*tasdir*) atrás assinalada, uma contribuição do conhecido professor de Liverpool, Oliver Leeman, sobre a posteridade e vitalidade da filosofia averroísta. É a versão árabe da sua comunicação, como é o caso do texto de El Ghannouchi, ao encontro científico comemorativo de Ibn Rusd, realizado no Bayt al-Hikma de Cartago (Tunes), em Fevereiro de 1998. A seguir (p. 21-50), encontramos de novo As^cad Gum^ca, editando, com uma breve introdução, um tratado de *fiqh* atribuído ao nosso Ibn Rusd, que autores modernos consideraram pertencer antes ao homónimo avô, o notório jurista falecido no ano de nascimento do seu famoso neto. Trata-se da *Risala fi Makasib al-muluk wal-ru'asa' wal-murabin al-muharrama* ("Epistola sobre os lucros ilegais de príncipes, chefias e especuladores").

Um outro texto de Averroís, um breve trecho sobre as moaxafas e o zagal tirado do seu Comentário à *Poética* de Aristóteles, é transcrito e apresentado por Salim Ridan (p. 99-100). Mas antes, al-Husayn al-Ya^cqubi, que vimos apresentar este volume II da co-



lectânea em honra do grande *Comentador*, tem um artigo sobre a era hispânica (*ta'rih safar*, p. 51-57). O volume acaba com alguns apontamentos de cariz bibliográfico, incluindo o índice dos volumes 11 a 20, estabelecido pelo mesmo Ya'qubi. Que nos seja permitido recomendar para o futuro uns índices mais elaborados e pormenorizados, pois que uma mera lista alfabética árabe dos autores não dá conta da riqueza do conteúdo dos volumes, nem sequer do bilinguismo que caracteriza a publicação.

Todos sabemos que os dois geniais pensadores de origem peninsular que foram Ibn Rusd e Ibn Haldun surgiram numa época adversa à sociedade islâmica. A revolução epistemológica que introduziram no panorama da cultura de então não chegou a dar os seus frutos, pelo menos do lado muçulmano. É só neste século, mercê do trabalho de valorização efectuado pelos meios arabistas europeus – convém frisá-lo – que árabes e muçulmanos se confrontaram com esse legado de alcance universal. Oxalá que esta corrente se afirme e se amplie, rasgando novos horizontes epistemológicos e culturais para os desafios da "hora planetária". [A.S.]

